

TRATAMENTO E PROFILAXIA DA FEBRE AFTOSA (*)

Não existe ainda nenhuma *medicação química* específica para o febre aftosa. Os preparados que constantemente aparecem não são mais que pretendidos específicos, desprovidos de ação preventiva ou curativa, devendo por isso ser rejeitados pelos criadores.

Mesmo o soro imunizante tem pouco valor como curativo. Empregado no animal já infectado, embora no início da doença, o soro não impede sua evolução: atenua apenas suas consequências. O soro favorece a cura e evita as complicações peculiares à moléstia, tais como mamites, obstrução das tetas, "frieiras", etc.

Assim, pois, o "soro contra a febre aftosa" pode ser empregado no tratamento. Este, porém, deverá constar, principalmente, dos tratamentos *higiênico* (higiene geral, da boca, dos cascos e do ubre), *dietético* e *sintomático*. Manter os animais doentes em estábulos arejados. Dar alimentos de boa qualidade e de fácil mastigação (forragens verdes e tenras, tortas de fariñáceos, etc.). Prevenir as perturbações digestivas ministrando regularmente sulfato e bicarbonato de sódio:

Sulfato de sódio	300 g.
Bicarbonato de sódio	10 g.
Água fervida, fria	800 g.

(Para um animal adulto).

O essencial na tratamento da febre aftosa é proteger as mucosas lesadas e inflamadas contra as influências nocivas, para que o processo curativo possa seguir o seu curso normal e não sobrevenham complicações. Devem, portanto, merecer tratamento cuidadoso a boca, os cascos e ubre, que são as sedes preferenciais das lesões (aftas e ulcerações).

Lavar a boca com soluções suaves, adstringentes e antisépticas: água vinagrada a 5% ou 10%, ou sulfato de cobre a

(*) Comunicado do Serviço de Informação Agrícola do Ministério da Agricultura.

2%, ácido pítrico a 1%, alúmen a 10%, permanganato de potássio a 3%, água boricada, etc.

Para o tratamento dos cascos os animais devem ser mantidos em locais de chão limpo, seco, com bastante palha seca e constantemente renovada. Lavar os cascos com solução de sulfato de cobre a 3% ou água de creolina (3%), solução fenicada, etc. E' muito recomendável o sistema de fazer passar o gado, em dias alternados, em *pedilúvios* construídos nas entradas dos currais. O pedilúvio é um pequeno tanque, com 30 cm de profundidade, que se enche com uma das soluções antissépticas indicadas.

E' de grande valor na prevenção das complicações das aftas localizadas entre as unhas e na "coroa" dos cascos, impedindo a formação de grandes ulcerações e de "frieiras".

No tratamento do ubre é da maior importância ordenhar com cuidado, frequentemente e a fundo, para evitar as mamites. As lesões devem ser lavadas, igualmente, com soluções antissépticas (permanganato de potássio a 3%, por exemplo), dispensando-se trato cuidadoso principalmente às aftas das extremidades das tetas. Proteger as partes lesadas com glicerina boricada ou salicilada.

PROFILAXIA — A prevenção da febre aftosa pode ser assegurada pelos métodos de imunização, isto é pela *vacinação* e pela *soroterapia preventiva*.

Vacinação — A vacina tem dado bons resultados como preventivo da febre aftosa. Como só confere imunidade após 15 dias de inoculada, a vacina deve ser empregada preventivamente apenas quando na região não haja casos da doença. Essa imunidade pode durar cerca de 3 a 4 meses.

Soroterapia preventiva — O soro dá ao animal imunidade quase imediata, mas de curta duração, não indo além de 15 dias. Podem-se repetir as injeções para prolongar a imunidade conferida. O soro só tem valor preventivo quando usado em animais pertencentes a efetivos indenes. Ele deve ser empregado quando a criação se ache ameaçada, existindo a aftosa na região, ou para proteger por pouco tempo em exposições ou feiras de animais.

No regime de criação extensiva, como geralmente se usa no Brasil, em que os rebanhos são numerosos, esses processos não poderão ser empregados economicamente, em virtude da grande quantidade dos produtos a serem aplicados, o que tornaria muitíssimo dispendiosa a proteção das criações.

Aconselha-se, então, um processo prático, chamado de "aftisação".

Aftisação — E' uma inoculação virulenta praticada para provocar a simultaneidade dos acidentes em todos os animais de um rebanho infectado, para fazer com que a evolução da doença se torne mais rápida e benígna. Seu emprêgo é limitado exclusivamente aos rebanhos já atacados.

Aconselha-se sempre a prática da "aftisação" pela grande vantagem que traz de encurtar o período de evolução da moléstia, atuando, às vezes, como verdadeira vacina, pois alguns animais ficam insentos da febre, ou, se a têm, é de tal modo benígna que passa despercebida. Procede-se da seguinte maneira: Recolher a baba do animal doente, no 4º. ou 5º. dia do aparecimento de intensa salivação e misturar num balde com água limpa. Passar esse líquido nas gengivas de cada bovino, com uma mecha de algodão.

Após 6 a 10 dias de incubação os animais começam a aparecer com a moléstia. No período máximo de 25 dias todo o gado que foi contagiado já se achará em vias de convalescença e com a vantagem de ter sofrido benignamente a ação do vírus.

Podendo a febre aftosa transmitir-se ao homem, é de elementar prudência que os criadores se cerquem de precauções. Desde que existam casos dessa doença numa fazenda, todo o leite deve ser rigorosamente fervido antes de entregue ao consumo.